

## EDITORIAL

Prezados leitores e leitoras da Revista Visão,

A sociedade passa por expressivas e ininterruptas transformações ao longo de sua história. No último século, entretanto, essas transformações parecem ter se acelerado. No âmbito tecnológico, por exemplo, ocorre que, quando mal se alcança o novo, já pode-se vislumbrar o novíssimo nas manchetes. Nas organizações, que não estão imunes às transformações da sociedade em que se inserem, não é diferente; elas precisam se adaptar rapidamente aos novos contextos e demandas para poderem permanecer competitivas e viáveis.

A frente das transformações experimentadas em todas as dimensões da vida está o ser humano, ao mesmo tempo como protagonista e vítima da mudança. Como protagonista, ele é o responsável pela mudança e pelo seu direcionamento. Nesse sentido, tem em suas mãos as condições para conduzir a sua própria história. Por outro lado, ele mesmo é vítima dos planos e projetos que vislumbra realizar, mas que, muitas vezes, têm efeitos colaterais sobre os quais não tem domínio, levando a consequências nefastas em muitos casos.

Face ao exposto, o ambiente organizacional não difere da sociedade; pode até, com algumas ressalvas, ser visto como uma versão reduzida dela. Os conflitos, as angústias, sucessos e insucessos estão em cada organização, afetando as pessoas que nelas atuam. Diante disso, o gestor tem a responsabilidade de lidar com as situações em que as pessoas em sua organização se encontram. O bom gestor não apenas zela pela empresa, mas por tudo que a constitui. Assim, os estudos publicados na Revista Visão abordam diferentes facetas das organizações e dos problemas e possíveis soluções que marcam a sua existência.

O primeiro estudo do presente número, assinado por Leomir Ferreira de Araujo, intitulado IRREGULARIDADES E IMPROPRIEDADES NA EXECUÇÃO DO PNAE: UM OLHAR PANORÂMICO DAS DECISÕES DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO, apresenta as principais impropriedades e irregularidades apontadas nas decisões do Tribunal de Contas da União (TCU), sobre a execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) por Estados e Municípios brasileiros, no período de 2014 a 2015. O estudo pretende averiguar a boa e regular aplicação dos gastos públicos com a maior política pública de segurança alimentar nacional.

Na sequência, Luiz Carlos Terra dos Santos e Celso Augusto Rimoli apresentam o texto APLICAÇÃO DO MODELO HÉLICE TRIPLA DE INOVAÇÃO EM REDES DE PMEs: O CASO DA VITIVINICULTURA EM JUNDIAÍ (SP), em que investigam a aplicação do Modelo Hélice Tripla de Inovação em redes de negócio com ênfase nas pequenas e médias empresas (PME) na vitivinicultura em Jundiaí (SP), analisando e identificando as relações e parcerias entre os

agentes governo, universidades e organizações. Os autores constatarem em seu estudo que as universidades são as instituições mais atuantes em relação a governo e organizações.

O terceiro estudo, PERCEPÇÕES DE GESTORES DE RECURSOS HUMANOS SOBRE A ATUAÇÃO DE UM SINDICATO NO MEIO-OESTE CATARINENSE, de Genéia Lucas dos Santos, Sandra Mara Bragagnolo, Larissa Castioni de Moraes e Joel Haroldo Baade realiza análise sobre as percepções de gestores de Recursos Humanos de empresas vinculadas a um Sindicato da cidade de Caçador, SC. O artigo é resultado de pesquisa realizada com gestores por meio de questionários e conclui que as relações de empregados, empregadores e sindicato são boas. Por outro lado, a intensidade das relações é limitada, devendo, portanto, ser ampliada para que se possa pensar na maximização de possibilidades para a satisfação de objetivos compartilhados.

Por fim, em EMPREENDEDORISMO: INOVAÇÃO, CRIATIVIDADE E LIDERANÇA, Adécio Machado dos Santos, Alexandre Carvalho Acosta, Liz Barbara Borghetti e Sandra Gambin Balbinoti empreendem revisão bibliográfica que aborda o tema “Empreendedorismo”, enfatizando suas características fundamentais “Inovação, Criatividade e Liderança” com o objetivo geral de demonstrar os valores sociais, culturais e financeiros que contribuem para o desenvolvimento de uma cultura empreendedora. Entre as principais conclusões dos autores estão a constatação de que as pessoas podem aprender a agir como empreendedores, utilizando-se de instrumentos baseados em seus interesses, encarando a busca, a reação e a exploração de mudanças como oportunidades de negócios. Além disso, apontam que uma cultura empreendedora pode ser aprendida e que ela gera prosperidade econômica porque oportuniza altas taxas de criação de novas empresas.

Com votos de uma boa leitura!

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade  
Editor